

O Livro de Joel e a Igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana - Número Quinze

Jeff Pippenger

2025-12-21

Número quinze

Afirmo que é importante compreender a conexão entre o símbolo de quatro gerações e a mensagem da chuva serôdia para ter a melhor chance de reconhecer o significado dos quatro primeiros versículos do capítulo um de Joel. Joel canta o cântico da vinha, mas sua estrofe de abertura é a associação profética da aliança com quatro gerações.

E disse a Abrão: Sabe, com certeza, que a tua descendência será estrangeira em terra alheia, e lá servirá como escrava; e será afligida por quatrocentos anos; mas também a nação a quem não de servir eu julgarei; e depois sairão de lá com grandes bens. E tu irás em paz para teus pais; serás sepultado em boa velhice. Na quarta geração, porém, voltarão para cá, porque a iniquidade dos amorreus ainda não está completa. Gênesis 15:13-16.

Esta passagem é a profecia que foi cumprida por meio da vida de Moisés. Quando o livro de Joel inicia o cântico da vinha ao fazer referência a quatro gerações de destruição crescente, está alinhando o livro de Joel com a quarta e última geração profética. Essa geração é a “geração eleita” de Pedro, que foi chamada das trevas para a Sua “maravilhosa luz”. Eles são contrastados com sua contraparte geracional, representada como uma geração de víboras. Essa quarta e última geração é representada por João, que é um símbolo dos cento e quarenta e quatro mil, que “são chamados, e eleitos, e fiéis”.

Chamados em 11 de setembro, escolhidos no Clamor da Meia-Noite e fiéis na crise da lei dominical, assim como os levitas foram fiéis nas rebeliões do bezerro de ouro de Arão e de Jeroboão. As almas que são purificadas como a prata em Malaquias três são levitas escolhidos durante a mensagem do Clamor da Meia-Noite, pois o selamento é realizado com e por meio de um derramamento do Espírito Santo.

No artigo anterior destacamos linhas da história de Moisés, a quem a Irmã White identifica como o alfa da profecia bíblica, e que se conecta profeticamente com Cristo como o ômega da profecia bíblica. Moisés é a pedra fundamental e Cristo é a pedra de coroamento. Ambos são símbolos de libertação do pecado, como representado pela libertação do Egito por meio de Moisés. No entanto, todas as manifestações do poder de Deus que ocorreram pelas mãos de Moisés foram amplamente superadas quando Cristo confirmou a aliança com muitos por uma semana. Moisés é o alfa e Cristo é o ômega, e o ômega é o número "22" e o alfa é o número "1."

Ao tratar de Moisés, vemos que a libertação que perpassa seu testemunho profético se dá em meio às águas. Sua libertação das águas do Nilo ao nascer tipificou Noé na arca. O batismo no Mar Vermelho corresponde a Noé e aos oito que estavam na arca, o que, por sua vez, corresponde ao batismo de Josué no rio Jordão, repetido por Cristo exatamente no mesmo lugar. O testemunho de

Moisés começa com a libertação no rio Nilo e termina às margens do rio Jordão. O batismo de Cristo foi Sua unção para testemunhar por três anos e meio até Sua morte, o que foi representado desde o princípio em Seu batismo. Na Sua ressurreição houve apenas algumas gotas até o derramamento pleno no Pentecostes.

A promessa de aliança de Deus à humanidade começa com Noé, e Sua promessa de aliança a um povo escolhido, por meio de Abraão, foi cumprida com Moisés. Moisés, o Alfa, prefigurava Jesus, o Ômega, que viria e confirmaria a aliança com "muitos", não apenas com um povo escolhido. Como tipo de Cristo, o nascimento de Moisés se alinha com a aliança dada a Noé, tendo o arco-íris como sinal para todos os povos. Moisés também se alinha com a aliança dada a um povo escolhido, tendo a circuncisão como sinal para o povo escolhido. A obra de Moisés quanto à aliança foi com "muitos", não simplesmente com um povo escolhido. Se não fosse esse o caso, eles não teriam sido constantemente atormentados pelo misto de gente.

No meio de todas as várias 'águas do livramento' representadas ao longo da vida de Moisés, o batismo em Betábara, no rio Jordão, liga o início da história da aliança do antigo Israel na Terra Prometida ao fim dessa história, durante a semana em que Cristo confirmou a aliança com muitos. O batismo de Cristo alinha-se com o batismo do antigo Israel e ambas as histórias falam de sua ressurreição, quando ele soprou algumas gotas de chuva, antes das chuvas abundantes no Pentecostes, cinquenta dias depois. Toda a linha de alfa e ômega, de Moisés a Cristo, é retratada nas águas do livramento.

Ao ensinar esses discípulos, Jesus mostrou a importância do Antigo Testamento como testemunho de Sua missão. Muitos que se dizem cristãos agora descartam o Antigo Testamento, alegando que já não tem utilidade alguma. Mas esse não é o ensino de Cristo. Ele o valorizou tanto que, certa vez, disse: "Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos." Lucas 16:31.

"É a voz de Cristo que fala por meio dos patriarcas e profetas, desde os dias de Adão até as cenas finais do tempo. O Salvador é revelado no Antigo Testamento tão claramente quanto no Novo. É a luz do passado profético que evidencia a vida de Cristo e os ensinamentos do Novo Testamento com clareza e beleza. Os milagres de Cristo são uma prova de Sua divindade; mas uma prova ainda mais forte de que Ele é o Redentor do mundo encontra-se ao comparar as profecias do Antigo Testamento com a história do Novo." O Desejo dos Séculos, 799.

Nos artigos que abordam o livro de Joel, temos "comparado as profecias do Antigo Testamento com a história do Novo", e também a história do Israel espiritual moderno. Quer se trate do Antigo ou do Novo Testamento, ou da história dos três anjos que começou em 1798, todas essas linhas são representadas como "a voz de Cristo". O testemunho escrito da Bíblia e do Espírito de Profecia é a voz de Cristo, e a voz de Cristo é a voz daquele que é a Palavra de Deus.

A "voz" da Palavra de Deus é a mensagem de Deus conforme representada em Sua Palavra escrita. Sua mensagem nos últimos dias é a mensagem da chuva serôdia, que inclui uma chuva temporã, seguida por uma chuva temporã e serôdia, segundo Joel.

João, o Revelador, representa os cento e quarenta e quatro mil que retornam às veredas antigas, pois ele ouve uma "voz" atrás dele. A "voz" por detrás é a voz de Cristo "desde os dias de Adão" em diante.

E virei-me para ver a voz que falava comigo. E, virando-me, vi sete castiçais de ouro.

Apocalipse 1:12.

O versículo representa uma pausa no capítulo um, pois até o versículo anterior João estava na ilha chamada Patmos, mas, no versículo doze, ele se volta e, daí em diante, João está no Santuário Celestial. Quando ele se volta, faz isso porque, no versículo dez, tinha ouvido uma voz atrás dele.

Eu estava em espírito no dia do Senhor, e ouvi, atrás de mim, uma grande voz, como de trombeta, que dizia: Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último; e o que vês, escreve-o num livro e envia-o às sete igrejas que estão na Ásia: a Éfeso, e a Esmirna, e a Pérgamo, e a Tiatira, e a Sardes, e a Filadélfia, e a Laodiceia. Apocalipse 1:10, 11.

João representa aqueles que ouvem a voz de Cristo atrás de si. Ele ouve a mensagem de trombeta de Jeremias para voltar às veredas antigas, veredas que os ímpios se recusaram a trilhar, e à trombeta de advertência à qual se recusam a dar ouvidos. João escutou, e a voz atrás dele identificou-se como o Alfa e o Ômega — Aquele que ilustra o caminho novo com o antigo.

E, no meio dos sete candeeiros, um semelhante ao Filho do homem, vestido com uma veste que chegava até aos pés e cingido à altura do peito com um cinto de ouro. A sua cabeça e os seus cabelos eram brancos como lã, brancos como a neve; e os seus olhos eram como chama de fogo; e os seus pés eram semelhantes ao bronze polido, como se estivessem ardendo numa fornalha; e a sua voz era como o som de muitas águas. Tinha na mão direita sete estrelas; e da sua boca saía uma espada afiada de dois gumes; e o seu rosto era como o sol quando brilha na sua força. Apocalipse 1:13-16.

No versículo doze, João se volta e vê uma visão de Cristo, que a Irmã White equipara à visão de Cristo que Daniel teve, a mesma visão que Isaías, Jeremias, Ezequiel e Paulo tiveram.

É com ardente anseio que aguardo o tempo em que os acontecimentos do dia de Pentecostes se repitam com poder ainda maior do que naquela ocasião. João diz: "Vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder; e a terra foi iluminada com a sua glória." Então, como na época de Pentecostes, o povo ouvirá a verdade ser-lhes dita, cada um em sua própria língua.

"Deus pode insuflar nova vida em toda alma que sinceramente deseja servi-Lo [Adão e o vale de ossos de Ezequiel], e pode tocar os lábios com uma brasa viva tirada do altar [Isaías], e torná-los eloquentes em Seu louvor. Milhares de vozes serão imbuídas do poder para proclamar as maravilhosas verdades da Palavra de Deus. A língua gaguejante será desatada [a outra língua de Isaías], e os tímidos serão fortalecidos para dar corajoso testemunho da verdade. Que o Senhor ajude o Seu povo a purificar o templo da alma de toda impureza [os levitas de Malaquias], e a manter uma conexão tão estreita com Ele que possam ser participantes da chuva serôdia quando ela for derramada." Review and Herald, 20 de julho de 1886.

A visão que estamos considerando inclui a descrição da voz de Cristo. Quando João se volta e ouve a voz de Cristo, é como o som de “muitas águas”. Quando a voz de Cristo fala de Sua aliança com os homens ou com um povo escolhido, está associada a muitas águas. A mensagem de Daniel sete a nove foi desselada em 1798 e, então, em 1989, a mensagem de Daniel dez a doze foi desselada. 1798 está associado à voz do rio Ulai e 1989 é a voz do rio Hidéquel.

"A luz que Daniel recebeu de Deus foi dada especialmente para estes últimos dias. As visões que ele viu às margens do Ulai e do Hiddekel, os grandes rios de Sinear, estão agora em processo de cumprimento e todos os eventos preditos em breve se cumprirão." Testemunhos aos Ministros, 112.

O rio Jordão é o elo entre a história da aliança alfa e a história da aliança ômega do antigo Israel. A palavra Jordão significa 'aquele que desce' e representa Cristo, 'o grande que desce'.

Tenham em vocês o mesmo modo de pensar que houve também em Cristo Jesus: o qual, existindo na forma de Deus, não considerou como usurpação o ser igual a Deus; mas esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo e tornando-se semelhante aos homens; e, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Filipenses 2:5-9.

O rio Jordão representa Cristo, 'o grande que desce', e o Jordão é a ligação entre a história alfa e ômega do povo escolhido de Deus, a quem foi dada uma vinha para cuidar. As águas de libertação de Moisés representam a voz de Cristo, que pode ser ouvida se uma alma apenas se voltasse para ouvir 'a voz atrás de si', e a voz que então ouviria é — a voz de muitas águas. Do dilúvio de Noé à destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., águas de libertação são apresentadas como marcos para o povo da aliança de Deus. Esses marcos representam a história interna do povo final da aliança de Deus, os cento e quarenta e quatro mil. A água que abastece o rio Jordão tem origem no orvalho e na neve que se acumulam nos montes Hermom, que formam as cabeceiras do rio Jordão.

Cântico de peregrinação de Davi. Eis como é bom e agradável que os irmãos vivam em união! É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce pela barba, a barba de Arão, até a orla de suas vestes; como o orvalho do Hermom e como o orvalho que desce sobre os montes de Sião; pois ali o Senhor ordenou a bênção: a vida para sempre. Salmo 133:1-3.

Essas águas também formam a gruta de Pã, um poço profundo no interior de uma caverna localizada em Pânio de Daniel 11:13-15, e em Cesareia de Filipe nos dias de Pedro. As nascentes do rio Jordão também formam o poço satânico da gruta de Pã. A voz de muitas águas indica que a grande controvérsia entre Cristo e Satanás teve origem nos altos picos das montanhas do Hermom.

Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta rocha edificarei a minha igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Mateus 16:18.

O nome "Hermon" significa "sagrado, consagrado, dedicado ou separado" e é um símbolo do Céu, a fonte de toda a água e o início da grande controvérsia, como representado pelas "portas do inferno", expressão que Jesus atribuiu à gruta de Pã, quando estava em Cesareia de Filipe. Nessa ocasião, Simão Barjona foi transformado em Pedro. Simão significa "aquele que ouve", e Barjona

significa "filho da pomba". Simão era um símbolo da alma que ouviu a mensagem do batismo de Jesus, representado pelo Espírito Santo em forma de pomba. Assim, quem ouviu a mensagem do batismo de Cristo é transformado em Pedro, representando os 144.000. Pedro foi selado enquanto estava em Panium, o que corresponde aos versículos treze a quinze de Daniel onze.

Das águas do Hermom, o rio Jordão, um símbolo de Cristo, o grande que desce, conclui sua jornada no Mar Morto. Do Céu, de onde se origina o orvalho da vida, Cristo desceu à morte da cruz, representada pelo Mar Morto. A margem do Mar Morto é a porção de terra exposta mais baixa da Terra. O rio Jordão que desce, desce ao nível de água mais baixo da Terra, assim como Cristo desceu à sua morte na cruz. Da água da vida à água da morte, o rio Jordão representa a descida de Cristo do Céu à cruz.

Temas importantes da profecia bíblica estão associados à água, e a profecia bíblica é a voz de Cristo, que é uma voz de muitas águas. A prostituta da Babilônia está sentada sobre muitas águas, e as águas do Eufrates secam para preparar o caminho dos reis do oriente, e os mercadores e os reis ficam de longe e lamentam, pois os navios de Tarsis são destruídos no meio dos mares, e a aliança com a morte que os ébrios de Efraim aceitaram quando se esconderam sob mentiras é anulada pela inundação transbordante da lei dominical papal.

Quando a Irmã White se refere aos "grandes rios de Sinear", ela está falando dos rios Tigre e Eufrates. Essas águas remontam ao Jardim do Éden, onde figuram como o terceiro e o quarto rios que saem do Éden.

E o nome do terceiro rio é Hidequel: este é o que corre para o oriente da Assíria. E o quarto rio é o Eufrates. Gênesis 2:14.

O Hiddekel é o Tigre e, claro, o Eufrates era o Eufrates, embora historiadores e teólogos modernos discordem. Eles insistem que o Ulai não era um grande rio, mas simplesmente um aqueduto construído pelo homem na Pérsia, não em Sinear. Essas mesmas autoridades humanas afirmam que os únicos dois rios dignos de nota associados a Sinear eram o Tigre e o Eufrates, e a profetisa afirma que o Ulai e o Hiddekel eram "os grandes rios de Sinear".

As palavras da profetisa sobre a mensagem da água se opõem aos especialistas modernos, assim como fizeram os especialistas antigos — que se opuseram à mensagem da água de Noé. Somos informados de que as duas visões representadas pelos dois rios estão em processo de cumprimento e, portanto, tudo o que está representado nessas duas visões, que foram dadas pelos "dois grandes rios de Sinear", em breve se cumprirá. A mensagem associada a esses rios é a voz de Cristo, pois a Sua voz é como muitas águas. O Tigre e o Eufrates representam um grande tema profético, e seu testemunho está relacionado à aliança que o Moisés alfa estabeleceu, que é a mesma aliança que o Cristo ômega confirmou.

Na profecia, o Tigre representa a Assíria e o Eufrates é a Babilônia. Nesse sentido, são os dois poderes, representados como leões por Jeremias, que levariam primeiro o reino do norte e depois o reino do sul ao cativo.

Israel é uma ovelha desgarrada; os leões o afugentaram: primeiro o rei da Assíria o devorou; e por fim este Nebuchadrezzar, rei de Babilônia, lhe quebrou os ossos. Jeremias 50:17.

Tanto a Assíria quanto a Babilônia eram inimigos do norte em relação a ambos os reinos de Israel e, portanto, são tipos do falso rei do norte — o poder papal. Essencialmente, as mesmas tradições políticas e religiosas foram praticadas pelas duas potências que surgiram do mesmo ambiente cultural, mas a estrutura política da Assíria enfatizava o poder de Estado, ao passo que a da Babilônia enfatizava o poder eclesiástico, embora muito semelhantes. Roma pagã e Roma papal, em certos aspectos, são idênticas; ainda assim, a Roma pagã representa o poder de Estado, e a Roma papal, o poder eclesiástico. A Assíria, em relação profética à Babilônia, era um reino de poder de Estado, seguida pela Babilônia, um poder semelhante que enfatizava o poder eclesiástico. A Assíria representava a Roma pagã e a Babilônia representa a Roma papal. Todas essas quatro potências pisaram o santuário e o exército de Deus. A Assíria está associada ao Tigre e a Babilônia ao Eufrates. Isso está de acordo com o secamento do Eufrates no livro do Apocalipse, para preparar o caminho dos reis do oriente, como tipificado pela obra de Ciro ao desviar o Eufrates para derrubar a Babilônia. A Babilônia é o Eufrates; a Assíria é o Tigre.

O rei do norte na profecia conquista o mundo durante a crise da lei dominical e depois cai, mas a conquista é frequentemente representada como uma inundação avassaladora. A história do rei do norte, tal como representada pela Assíria e pela Babilônia, é simbolizada por rios, pois a história é contada pela voz de muitas águas.

A terra entre os dois rios é chamada Mesopotâmia, que significa 'a terra entre dois rios.' Os dois rios representam o poder do norte que Deus emprega para castigar Seu povo apóstata, dispersando-o em cativeiro. Uma das correntes afluentes da voz de muitas águas encontra-se no nome "Padanaram", que é mencionado apenas dez vezes nas Escrituras. A primeira menção está associada à aliança, pois identifica as raízes sanguíneas de Rebeca, esposa de Isaque. O versículo diz:

Isaque tinha quarenta anos quando tomou Rebeca por mulher, filha de Betuel, o arameu, de Padã-Arã, irmã de Labão, o arameu.

O fim de quarenta anos foi mostrado, nas três testemunhas de Moisés, como conduzindo a Cades, 1863 e à lei dominical. O casamento de Isaque é um casamento de aliança que tipifica o casamento de Cristo com os cento e quarenta e quatro mil na lei dominical, que é 1863, que é Cades, que é o fim de uma história de aliança de quarenta anos. Rebeca era filha de um sírio e irmã de Labão, um sírio, (que, na geração seguinte da história da aliança, rompeu uma aliança com o filho de Isaque, Jacó.)

Betuel significa 'casa de desolação ou desolador', portanto Rebeca era filha da 'casa do desolador'. Síria significa terras altas e planalto, e Padã-Arã significa Mesopotâmia, ou a terra entre. Rebeca era da linhagem de sírios que vieram da Mesopotâmia, a terra alta entre 'o Tigre da Assíria' e 'o Eufrates da Babilônia', que representam os leões que o Senhor usou para dispersar suas ovelhas apóstatas. A casa dos desoladores foi unida à casa de Deus no casamento de Isaque e Rebeca. Não é por acaso que, na primeira menção de Padã-Arã, esses dois rios, que representam o rei profético

do norte, representado como uma inundação transbordante, são mencionados pela primeira vez em Gênesis 25:20.

A conexão da casa da desolação com o povo da aliança de Deus continua quando Jacó foge de Esaú e chega à casa de seu tio Labão, e ali serve dois períodos de 2520 dias para assegurar o próximo casamento da aliança. Um casamento termina com a dispersão do reino do norte de Israel e o outro casamento termina com a dispersão do reino do sul. Quando os respectivos períodos de dispersão desses dois reinos terminaram em 1798 e 1844, cumpriu-se o casamento pelo qual Jacó trabalhou ao longo de dois períodos de 2520, pois o noivo veio para o casamento em 22 de outubro de 1844.

Então, Cristo casou-se com Lia, que significa 'cansada e exausta', ou casou-se com Raquel, que significa 'uma boa viajante'? Lia e Raquel representam duas classes de virgens viajantes, uma virgem que 'se cansa' e uma virgem que 'viaja bem' no caminho para casar-se com Jacó em 22 de outubro de 1844.

“Tinha-se estabelecido atrás deles, no início do caminho, uma luz brilhante, a qual um anjo me disse ser o ‘clamor da meia-noite’. Essa luz resplandecia por todo o caminho e iluminava os seus pés, para que não tropeçassem.

Se mantivessem os olhos fixos em Jesus, que estava bem diante deles, conduzindo-os à cidade, estavam seguros. Mas logo alguns se cansaram e disseram que a cidade ficava muito distante, e que esperavam já ter entrado nela. Então Jesus os animava, erguendo Seu glorioso braço direito, e de Seu braço saía uma luz que ondulava sobre o grupo adventista, e eles gritavam: "Aleluia!" Outros, temerariamente, negaram a luz atrás deles e disseram que não era Deus quem os havia conduzido até ali. A luz atrás deles se apagou, deixando seus pés em perfeita escuridão, e eles tropeçaram e perderam de vista o alvo e a Jesus, e caíram do caminho, descendo para o mundo escuro e ímpio lá embaixo. Primeiros Escritos, 15.

Em 1844, o movimento milerita filadélfico entrou nas bodas. As bodas de 22 de outubro de 1844 separaram duas classes de adoradores, representadas por Raquel e Lia. Raquel representa uma classe que havia percorrido com êxito o caminho até as bodas de 22 de outubro de 1844, mas a classe de Lia se cansou. Elas então foram separadas, e o processo de prova do terceiro anjo começou exatamente onde o processo de prova do Clamor da Meia-Noite se concluiu.

O casamento havia começado e, dali em diante, seria consumado e provado. O casamento foi consumado em 1846, e começou o processo de prova do terceiro anjo. Em 1849 e 1850, o Senhor estava estendendo Sua mão pela segunda vez para ajuntar Seu remanescente. A segunda tábua de Habacuque foi então introduzida na história, como tipificado pelas segundas tábuas dos Mandamentos. Depois que Moisés quebrou as primeiras tábuas, as segundas tábuas foram apresentadas. O quadro de 1850 substituiu o de 1843 e, em 1850, a prova do Israel antigo como a noiva da nova aliança de Deus continuou rumo a Cades e a 1863.

Em 1856, mais água dos dois rios fluiu pela pena de Hiram Edson. A luz sobre os "sete tempos" que veio pela pena de Edson era a luz representada pelos dois rios que iniciaram seu testemunho profético no Jardim do Éden. O Jardim do Éden é um símbolo da rebelião da humanidade contra a

lei de Deus, e é onde as águas dos rios Ulai e Hiddekel começam sua jornada. Elas percorrem a história da aliança, pois aquele Jardim, o símbolo da rebelião, é também onde um cordeiro foi morto para fornecer vestes em substituição às folhas de figueira que cobriam Adão e Eva. A história da aliança começa com a aliança de vida entre Adão e Deus. Essa aliança, simbolizada pela árvore da vida, foi seguida pela quebra da aliança por Adão e Eva, o que inaugurou uma nova aliança de vida, quando o Cordeiro morto desde a fundação do mundo providenciou vestes para o casal nu e perdido. Os dois rios que fluem daquele Jardim acabam por se tornar símbolos dos poderes que Deus emprega como Sua vara de correção.

Ó assírio, a vara da minha ira; o bastão em sua mão é a minha indignação. Eu o enviarei contra uma nação hipócrita, e contra o povo do meu furor lhe darei ordem: para tomar o despojo, para tomar a presa e para pisoteá-los como o lodo das ruas. Isaías 10:5, 6.

Aqueles dois rios fluíram do Éden para a linhagem de Rebeca e sua aliança matrimonial com Isaque, e, em seguida, até Jacó, onde a água dos dois rios é representada como dois períodos distintos de sete tempos. Depois, os mesmos dois rios fluem pelos últimos seis capítulos de Daniel, em que três capítulos são representados por cada rio. Um rio representa o aumento do conhecimento que foi desselado nos capítulos sete, oito e nove, e o outro rio representa o aumento do conhecimento que foi desselado nos capítulos dez, onze e doze.

Os capítulos sete, oito e nove são apresentados como a visão do Ulai, e Cristo é retratado de maneira semelhante nos capítulos dez, onze e doze. Em ambas as visões do rio, representadas por três capítulos, Cristo é retratado como estando de pé sobre as águas.

E aconteceu que, quando eu, eu mesmo, Daniel, tinha visto a visão e buscava o significado, então, eis que estava diante de mim um com a aparência de homem. E ouvi a voz de um homem entre as margens do Ulai, que clamou e disse: Gabriel, faz com que este homem entenda a visão. Daniel 8:15, 16.

A visão de Cristo no capítulo dez é semelhante à visão que João presenciou no capítulo um do Apocalipse, e, na visão de Daniel, no capítulo oito, Palmoni está sobre as águas, como Ele estava no capítulo doze, onde Ele estava vestido de linho.

Por ocasião da visita de Gabriel, o profeta Daniel não pôde receber mais instruções; mas alguns anos depois, desejando saber mais sobre assuntos ainda não plenamente explicados, voltou a buscar luz e sabedoria de Deus. 'Naqueles dias eu, Daniel, estive de luto por três semanas completas. Não comi pão agradável, nem carne nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi de modo algum.... Então levantei os olhos e olhei, e eis um certo homem vestido de linho, cujos lombos estavam cingidos com ouro fino de Ufaz. Seu corpo também era como o berilo, e seu rosto como a aparência do relâmpago, e seus olhos como lâmpadas de fogo, e seus braços e seus pés semelhantes, em cor, ao bronze polido, e a voz de suas palavras como a voz de uma multidão.'

Nada menos que o próprio Filho de Deus apareceu a Daniel. Esta descrição é semelhante à dada por João quando Cristo lhe foi revelado na Ilha de Patmos. Nosso Senhor agora vem com outro mensageiro celestial para ensinar a Daniel o que aconteceria nos últimos dias. Esse

conhecimento foi dado a Daniel e registrado por inspiração para nós, sobre quem chegaram os fins do mundo. Review and Herald, 8 de fevereiro de 1881.

Na visão de Cristo no Hiddekel, no capítulo dez, Cristo está sobre as águas e vestido de linho, e na visão do Ulai Ele está sobre as águas. A visão de Apocalipse um está alinhada com a visão apresentada nas visões do Ulai e do Hiddekel, onde a Irmã White afirma que é “nada menos que o Filho de Deus”. Quando ela identifica o anjo de Apocalipse dez, afirma que o anjo era “nada menos que Jesus Cristo”. O anjo em Apocalipse dez ergue Sua mão ao céu e jura por Aquele que vive para todo o sempre, ligado à visão de Cristo no capítulo doze, que ergue ambas as Suas mãos ao céu e jura por Aquele que vive para todo o sempre. Em Apocalipse dez Ele está tanto sobre as águas quanto sobre a terra.

O que existe "entre as margens" de um rio é água, e Daniel ouviu "a voz de um homem entre as margens", assim, a voz veio do homem sobre as águas, e a voz era o som das águas do rio Ulai.

E, no vigésimo quarto dia do primeiro mês, estando eu à margem do grande rio, que é o Hidequel, então levantei os meus olhos, e olhei, e eis que

um certo homem vestido de linho, cujos lombos estavam cingidos com ouro fino de Ufaz: seu corpo também era como o berilo, e seu rosto como a aparência de relâmpago, e seus olhos como lâmpadas de fogo, e seus braços e seus pés da cor de bronze polido, e o som de suas palavras como a voz de uma multidão. ...

Tu, porém, ó Daniel, encerra estas palavras e sela o livro até o tempo do fim; muitos irão de um lado para outro, e o conhecimento se multiplicará. Então eu, Daniel, olhei, e eis que estavam ali outros dois, um deste lado da margem do rio e o outro do lado oposto da margem do rio. E um deles disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Até quando será o fim destas maravilhas? E ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a mão direita e a esquerda ao céu e jurou por aquele que vive para sempre que seria por um tempo, tempos e metade de um tempo; e, quando tiver terminado de dispersar o poder do povo santo, todas estas coisas se cumprirão.

E eu ouvi, mas não entendi; então disse eu: Ó meu Senhor, qual será o fim destas coisas? E ele disse: Segue o teu caminho, Daniel, pois as palavras estão cerradas e seladas até o tempo do fim. Muitos serão purificados, embranquecidos e provados; mas os ímpios procederão impiamente; e nenhum dos ímpios entenderá; mas os sábios entenderão. Daniel 10:4-6; 12:4-10.

Os grandes rios de Sinear, como a Irmã White os identifica, estão ambos ligados a uma visão em que Cristo está sobre as águas, falando, pois Sua voz é como o som de muitas águas. Em ambas as visões, a pergunta “até quando” é feita. Ambos os rios também estão representados na “pergunta e resposta” do capítulo oito de Daniel, que é o pilar central e fundamento do Adventismo. Ali, os dois rios são símbolos dos “sete tempos” de dispersão e de pisoteio tanto do santuário quanto do exército. Os dois rios cumprem seu papel como vara de disciplina de Deus, apenas para depois desaguarem na história milerita do primeiro anjo, onde William Miller descobriu sua primeira joia profética, que foi a linha dos “sete tempos” em Levítico vinte e seis. Os dois rios representam as

duas dispersões de 2520 anos, que foram realizadas pelos dois leões da Assíria e da Babilônia, que são representados pelo Tigre e pelo Eufrates e, claro, por Lia e Raquel, sobrinhas de Rebeca, cujo casamento de aliança ocorreu quando Isaque tinha quarenta anos de idade, conforme registrado em Gênesis 2520.

Miller apenas apresentou a dispersão dos "sete tempos" contra o reino do sul de Judá, que se cumpriu com a profecia dos 2300 anos em 1844. Em 1856, o "vinho novo" dos "sete tempos" identificou a mesma dispersão contra o reino do norte, culminando em 1798. Como a primeira descoberta profética de William Miller, a água do rio Eufrates chegou como a doutrina alfa na história do primeiro anjo. A água do rio Ulai chegou com o terceiro anjo. A descoberta alfa de Miller foi os "sete tempos" representados pelo rio Ulai, e a descoberta ômega de Hiram Edson foi os "sete tempos" representados pelo rio Hiddekel.

O 2520 representa a duração de um período que é a mesma para cada reino, mas que se inicia e se encerra com quarenta e seis anos de diferença. 1798 marca o tempo do fim e a chegada do primeiro anjo de Apocalipse 14. 1798 é o cumprimento dos 2520 anos de dispersão infligidos ao reino do norte pelo leão da Assíria. 1844 é o cumprimento dos "sete tempos" impostos ao reino do sul, representados pelo leão da Babilônia. Os dois rios são as balizas da história das mensagens do primeiro e do segundo anjo, que se encerrou com a chegada do terceiro em 22 de outubro de 1844, quando tanto a sétima trombeta quanto a trombeta do jubileu soaram no Dia da Expição antitípico.

Então farás soar a trombeta do jubileu no décimo dia do sétimo mês; no dia da expiação fareis soar a trombeta por toda a vossa terra. Levítico 25:9.

O toque da sétima trombeta é um símbolo da obra de Cristo ao unir Sua Divindade à humanidade, e é representado pelos 2300 anos da visão do rio Ulai; e o toque da trombeta do jubileu é um símbolo da aliança da terra que foi quebrada e sobreveio ao povo de Deus, o que Daniel chamou de maldição e juramento de Moisés, e o que Moisés chamou de "contenda da aliança de Deus".

Sim, todo o Israel transgrediu a tua lei, desviando-se, para não obedecer à tua voz; por isso, a maldição foi derramada sobre nós, e o juramento que está escrito na lei de Moisés, servo de Deus, porque pecamos contra ele. Daniel 9:11.

A "maldição" e o "juramento" mencionados "na lei de Moisés" são as "sete vezes" de Levítico vinte e seis. A palavra traduzida como "juramento" é a mesma palavra hebraica que, em Levítico, é traduzida como "sete vezes". A maldição, por quebrar o juramento da aliança no capítulo vinte e cinco, é apresentada no capítulo vinte e seis, onde Moisés identifica a maldição como a "contenda da aliança".

Então também Eu andarei em oposição a vós, e vos castigarei ainda sete vezes por causa dos vossos pecados. E trarei sobre vós a espada, que vingará a contenda da minha aliança; e, quando vos recolherdes dentro das vossas cidades, enviarei a peste entre vós; e sereis entregues nas mãos do inimigo. Levítico 26:24, 25.

O Senhor trouxe a espada do leão da Assíria sobre o reino do norte para os "punir", entregando-os na "mão do inimigo", em 723 a.C. Quarenta e seis anos depois, em 677 a.C., o reino do sul sentiu a

maldição de Moisés. A maldição de Moisés é a contenda da aliança. Por quarenta e seis anos, os leões da Mesopotâmia foram utilizados por Deus para remover e calcar aos pés a hoste. Ao fim daquele período de quarenta e seis anos, Nabucodonosor destruiu o santuário. A hoste da pergunta de Daniel no versículo treze de Daniel oito foi escravizada por seus inimigos ao longo de um período de quarenta e seis anos que culminou com a destruição do santuário, que era o outro assunto que havia de ser calcado aos pés no versículo treze. Quando esses rios chegaram a 1798 e 1844, respectivamente, uma hoste havia sido reunida como um templo, pois a hoste é um corpo, e o corpo é um templo. Ao fim desse período, o templo erigido ao longo dos quarenta e seis anos devia unir-se ao templo celestial no casamento da Divindade com a humanidade. O casamento é entre dois templos, e o que Deus une não deve ser separado.

As águas do Tigre chegaram até 1798 e as águas do Eufrates chegaram até 1844. Pouco antes da chegada do terceiro anjo, chegou o segundo anjo e, em seguida, no congresso campal de Exeter, New Hampshire, de 12 a 17 de agosto de 1844, a mensagem do Clamor da Meia-Noite foi derramada. Exeter significa “uma fortaleza de água”, e, no congresso campal, houve uma reunião espúria realizada em uma tenda diferente, montada por um grupo de Watertown, Massachusetts. As águas que se originaram no Éden, segundo a Irmã White, estavam prestes a ser espalhadas como “uma onda de maré” por toda a costa leste dos Estados Unidos. O terremoto que desencadeou essa onda de maré ocorreu no Jardim do Éden quando Satanás conquistou a humanidade, causando uma convulsão sísmica no Éden, cujas ondas alcançaram o Clamor da Meia-Noite da história milerita. Essa onda de maré deságua no Clamor da Meia-Noite na história dos cento e quarenta e quatro mil, e a onda que começou no terremoto do pecado de Adão atinge o terremoto da lei dominical de Apocalipse capítulo onze.

A voz de Cristo é a voz de muitas águas, e as águas combinadas compõem a mensagem da chuva serôdia. Isaías e seu filho Shearjashub estão, no versículo três do capítulo sete, junto ao açude do aqueduto superior, apresentando a mensagem da chuva serôdia no tempo do selamento dos cento e quarenta e quatro mil. Ali, o pronunciamento de Isaías contra o rei tolo e ímpio Acáz é que o Senhor enviaria sobre Acáz as águas da Assíria, o rei Senaqueribe, e suas águas subiriam até o pescoço.

O Senhor falou-me ainda, dizendo: Porquanto este povo rejeita as águas de Siloé, que correm mansamente, e se regozija em Rezim e no filho de Remalias; por isso, eis que o Senhor fará subir sobre eles as águas do rio, fortes e numerosas, a saber, o rei da Assíria e toda a sua glória; e ele virá sobre todos os seus canais e passará por cima de todas as suas margens. E passará por Judá; inundará e transbordará, chegará até ao pescoço; e a extensão das suas asas encherá a largura da tua terra, ó Emanuel. Isaías 8:5-8.

Acáz rejeitou as águas que foram 'enviadas' pelo Senhor, por isso o Senhor 'enviou' a Acáz as águas da Assíria. Acáz 'regozijou-se' na aliança de 'Rezim e o filho de Remalias'. Acáz 'regozija-se' numa mensagem falsa da chuva serôdia representada por Rezim e o filho de Remalias.

Rezim e o filho de Remalias, que é Peca, rei do reino do norte, representam uma falsificação de Isaías e seu filho. O insensato e ímpio rei Acáz "regozija-se" na confederação representada pelas

dez tribos do norte de Israel e a Síria, tipificando a relação ilícita entre igreja e estado na lei dominical. Acáz regozija-se, pois vergonha e alegria são as duas emoções opostas que são empregadas pela inspiração para tratar daqueles que estão representados no debate sobre a chuva serôdia. Quando Jeremias comeu o livrinho, foi a alegria e o regozijo do seu coração, e Joel nos informa que o povo de Deus jamais será envergonhado. Acáz, como laodiceano, é cego; portanto, está se regozijando na falsa mensagem das águas e rejeitando a verdadeira mensagem das águas de Isaías. Ele deveria se envergonhar por confiar na mensagem falsificada da chuva serôdia representada pela inundação do rei do norte, mas ele rejeitou a mensagem de Siloé.

A mensagem de Shiloah em Isaías 8 é a mensagem da chuva serôdia. O tanque de Shiloah é identificado no Novo Testamento como o tanque de Siloé. Em hebraico ou grego significa “enviado”. Convinha que Cristo partisse para que pudesse “enviar” o Espírito Santo. Isaías e Acáz estão no tanque de Shiloah, e a prova baseia-se em ter fé no tanque de Shiloah, como representado por Isaías e seu filho, ou fé em Rezim e no filho de Remalias? Acáz está escolhendo entre duas águas, as águas de Shiloah ou as águas do rei da Assíria. Acáz alegrou-se na aliança e na mensagem representadas por Rezim e pelo filho de Remalias e, por isso, recebeu a inundação de desolação, em vez da água que corre mansamente no seu juízo. Seu juízo representa a lei dominical, quando o rei do norte transborda sobre o mundo inteiro como uma inundação. Isso acontece a partir da lei dominical, quando a inundação do Clamor da Meia-Noite também varre o mundo.

Acáz alegra-se com a aliança entre as dez tribos do norte e a Síria e, assim, alegra-se com a mensagem que combina igreja e Estado, representada por cada aliança ilícita encontrada na Palavra de Deus. Isaías representa um filadelfiense e Acáz, um laodicense. Cristo conecta o testemunho de Isaías ao seu próprio quando cura o cego, um laodicense, no tanque de Siloé.

E, ao passar, Jesus viu um homem que era cego de nascença. E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que nascesse cego?

Jesus respondeu: Nem este homem pecou, nem seus pais; mas para que nele se manifestem as obras de Deus. É necessário que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo. Tendo dito isto, cuspiu na terra, fez barro com a saliva e ungiu com o barro os olhos do cego. E disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que quer dizer Enviado). Ele foi, lavou-se e voltou vendo.

Os vizinhos, portanto, e os que antes o tinham visto que era cego, diziam: Não é este o que se sentava e mendigava? Uns diziam: É ele; outros diziam: Parece-se com ele; mas ele dizia: Sou eu. Disseram-lhe, pois: Como te foram abertos os olhos?

Ele respondeu e disse: Um homem chamado Jesus fez barro, ungiu os meus olhos e disse-me: Vai ao tanque de Siloé e lava-te; então fui, lavei-me e recebi a vista. João 9:1-11.

O cego, junto com o rei insensato e ímpio Acáz, são testados quanto a depositar sua confiança no tanque de Siloé ou na inundação da Assíria. O cego sabe que é cego, mas Acáz é rico, enriquecido de bens e de nada necessita. Acáz é a virgem insensata no tanque da chuva serôdia, e o cego uma

virgem prudente. As águas que são Enviadas de, ou as águas que são enviadas da Assíria são a prova.

Um tanque é o lugar onde a água se reúne e, profeticamente, um tanque é onde se reúnem os diversos riachos, rios, córregos, mares, oceanos, lagos, a chuva e o orvalho, todas as “águas” que representam a voz de Cristo. O tanque da chuva serôdia é formado pela água que flui do tanque superior. O tanque representa a mensagem da chuva serôdia no contexto de uma prova. Acaz rejeitou as águas que correm brandamente, mas o cego foi obediente à mensagem ligada ao tanque. Jesus tomou um pouco de Sua Divindade, representada como “cuspe”, e a misturou com barro, representando a combinação da Divindade com a humanidade que é realizada por Cristo no Lugar Santíssimo.

Cristo cuspiu no chão e, com a Sua saliva, fez barro. Ele usou a mensagem da combinação da Divindade e da humanidade para unguir os olhos do cego. A mensagem representada pela combinação da Divindade e da humanidade é a mensagem de 1888, e é destinada a transformar uma pessoa da condição de Laodiceia à condição de Filadélfia. Mas a mensagem requer participação humana. Eles devem ir ao tanque e, então, lavar-se.

Todos pecaram e ficaram aquém da glória de Deus, mas Jesus disse que o homem cego e seus pais não tinham pecado. Jesus retira a questão da culpa da condição do homem cego e o identifica como um homem que foi levantado para glorificar o Senhor; e o homem profético na profecia bíblica, que é levantado com o propósito de que "as obras de Deus se manifestem", é o estandarte, o qual é formado por homens e mulheres que passaram de Laodiceia para Filadélfia. O estandarte é onde as obras de Deus se manifestam, pois Sua obra era combinar a Divindade com a humanidade (como representado pelo unguento de barro), e os troféus dessa obra são aqueles que não apenas ouviram a mensagem laodiceana, mas que seguiram a prescrição na mensagem. A prescrição para o cego foi ir e lavar-se. Uma vez que podia ver, ele não precisava tentar glorificar a Deus; as circunstâncias ao seu redor fizeram isso acontecer.

Começou com a aproximação de Cristo, seguida pela obra de Cristo. A última obra de Cristo no Santuário Celestial em relação ao homem é transformar um ser humano que está em um vale de ossos secos, ou morto nas ruas, ou cego como um morcego. Sua última obra é recriar o Seu povo à Sua imagem, e essa é exatamente a obra que Ele realizou quando criou Adão do pó da terra e então soprou nele o fôlego de vida. A última obra é a primeira, pois Ele primeiro fez o barro e depois ungiu esse barro com a vida do Seu Espírito. Com Adão, o Espírito foi o Seu sopro; com o cego, foi a água. Com o vale de ossos secos de Ezequiel, foi uma mensagem de ajuntamento que formou o corpo. Depois, uma mensagem dos quatro ventos foi soprada sobre o corpo, e então ele se levantou como um poderoso exército.

Enquanto o cego ainda estava cego, Jesus o viu e então aproximou-se dele. Ele se aproxima do homem cego no contexto de uma pergunta que foi levantada por Seus discípulos, permitindo-Lhe assim estabelecer o cenário profético adequado para a ilustração. As “obras de Deus” são um símbolo profético em muitas e variadas linhas de testemunho na Bíblia. Cada manifestação das “obras de Deus” nas Escrituras se cumpre no tempo da chuva serôdia. Jesus está situando o

contexto da história em termos da mensagem final, representada por Elias nos últimos versículos de Malaquias.

Os pais e a criança cega não são condenados como pecadores, pois este é o tempo das obras maravilhosas de Deus, e nesse tempo o coração dos pais e o coração dos filhos se voltarão para ver a questão em pauta. A questão é se o homem laodiceano cego foi transformado em um homem filadélfio ungido. Essa é a questão que confronta os pais e a criança no tempo da chuva serôdia, pois esse também é o tempo do juízo. E o tempo do juízo se cumpre nas terceira e quarta gerações, segundo a profecia da aliança de Abraão. O cego é a última, a quarta geração, e seus pais são a terceira. Nesse período, a mensagem de Elias coloca as famílias em circunstâncias nas quais são forçadas a aceitar ou rejeitar a mensagem do tanque de Siloé. O rei tolo e ímpio Acaz rejeitou a mensagem daquele tanque, mas o cego a aceitou. A mensagem de Elias de Malaquias está inserida no contexto de uma maldição antes do grande e terrível dia do Senhor.

Quando Jesus organizou o cenário que estamos considerando, Ele incluiu em Seu resumo do propósito do milagre que Ele devia trabalhar então, pois virá um tempo em que ninguém poderá trabalhar. O trabalho ao qual Ele se referiu acontece à luz do dia, e o fim do trabalho é representado como noite. Sua referência é ao encerramento do período probatório.

Quando Ele termina Sua obra de juízo, Ele tira Suas vestes sacerdotais e põe Suas vestes de vingança. Quando Ele conclui essa obra de separar os perdidos dos salvos, a obra da salvação se encerra. O tempo de graça se encerra e agora é noite, quando ninguém pode trabalhar. A mensagem de Cristo não era apenas a mensagem laodiceana a um homem cego, mas era a mensagem de Elias, situada no contexto da proximidade do fechamento do tempo de graça, que é a motivação santificada de Cristo para trabalhar pela salvação de almas.

Primeiro, Cristo aproximou-se do cego, depois preparou e aplicou o unguento, e então deu instruções para uma obra que o cego deve realizar por si mesmo; e, o que é igualmente importante, ao empreender essa obra, sua vista é restaurada. Uma vez que passa a enxergar, ele transforma-se de um laodiceano cego em um filadelfiano. O período de transformação dessas duas igrejas cumpriu-se no início, de 1856 a 1863.

Esse período representa a separação entre o trigo e o joio, e o selamento final dos cento e quarenta e quatro mil, que depois são alçados como um estandarte. O cego tornou-se imediatamente o centro das atenções, assim que passou de laodiceano a filadelfiano. O cego é os cento e quarenta e quatro mil, e o ímpio e insensato rei Acaz é o povo da antiga aliança que é vomitado da boca do Senhor. No mesmo ponto da história, Jesus ou usa Sua saliva para ungir Seu povo da nova aliança, ou cospe o povo da antiga aliança para fora de Sua boca.

Continuaremos estes pensamentos no próximo artigo.

A Crise que se Aproxima

Com exatidão infalível, o Infinito mantém a conta de todas as nações. Enquanto sua misericórdia é oferecida com apelos ao arrependimento, essa conta permanecerá aberta; mas, quando se atinge um determinado limite que Deus estabeleceu, inicia-se o ministério de sua

ira. Então a conta é encerrada; a paciência divina cessa; já não há mais súplicas por misericórdia em favor delas.

O profeta, contemplando os séculos por vir, teve o nosso tempo apresentado em visão. As nações desta era têm sido as destinatárias de misericórdias sem precedentes. As mais preciosas bênçãos do Céu lhes foram concedidas; mas o orgulho crescente, a cobiça, a idolatria, o desprezo por Deus e a vil ingratidão estão escritos contra elas. Estão rapidamente encerrando sua conta com Deus.

Aproximam-se rapidamente os dias em que haverá grande perplexidade e confusão no mundo religioso. Haverá muitos deuses e muitos senhores; todo vento de doutrina soprará; e Satanás, vestido com vestes de anjo, enganaria, se fosse possível, até os próprios eleitos.

O desprezo universal lançado sobre a verdadeira piedade e santidade leva aqueles que não têm uma ligação viva com Deus a perder a reverência por sua lei. E, à medida que o desrespeito pela lei divina se torna mais manifesto, a linha de demarcação entre os que a observam e o mundo e uma igreja que ama o mundo se tornará mais nítida. O amor pelos preceitos de Deus aumenta em um grupo, à medida que o desprezo por eles aumenta no outro.

O grande EU SOU está vindicando a sua lei. Ele está falando àqueles que a invalidam nas tempestades, nas inundações, nas tormentas, nos terremotos, nos perigos por terra e por mar. Agora é o momento de seu povo mostrar-se fiel aos princípios.

Estamos no limiar de grandes e solenes acontecimentos. O Senhor está às portas. No Monte das Oliveiras, o Salvador descreveu as cenas que haviam de preceder esse grande evento: 'Haveis de ouvir falar de guerras e rumores de guerras', disse ele. 'Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino; e haverá fomes, pestilências e terremotos em diversos lugares. Todas estas coisas são o princípio das dores.' Embora essas profecias tenham tido um cumprimento parcial na destruição de Jerusalém, elas têm uma aplicação mais direta nos últimos dias.

João e os demais profetas também foram testemunhas das cenas terríveis que ocorrerão como sinais da vinda de Cristo. Viram exércitos reunindo-se para a batalha, e o coração dos homens desfalecendo de medo. Viram a terra ser removida do seu lugar, os montes lançados ao meio do mar, as suas ondas rugindo e agitadas, e os montes tremendo com o seu ímpeto. Viram abrir-se as taças da ira de Deus, e peste, fome e morte caírem sobre os habitantes da terra.

Já o Espírito de Deus que refreia está sendo retirado do mundo. E furacões, tempestades, desastres por mar e por terra, se sucedem rapidamente. A ciência procura explicar tudo isso. Os sinais que se adensam ao nosso redor, anunciando a iminente aproximação do Filho de Deus, são atribuídos a qualquer outra coisa que não à verdadeira causa. Os homens não podem discernir os anjos sentinelas que retêm os quatro ventos, para que não soprem até que os servos de Deus sejam selados; mas, quando Deus ordenar aos seus anjos que soltem os ventos, haverá uma cena de sua ira vingadora como nenhuma pena pode descrever.

Uma crise está à nossa porta; mas os servos de Deus não devem confiar em si mesmos nesta grande emergência. Nas visões dadas a Isaías, Ezequiel e João, vemos quão intimamente o céu

está ligado aos acontecimentos que se desenrolam na terra. Vemos o cuidado de Deus para com os que lhe são fiéis. O mundo não está sem um soberano. O plano dos acontecimentos vindouros está nas mãos do Senhor. A Majestade do céu tem o destino das nações, assim como os assuntos de sua igreja, em suas próprias mãos.

Deus revelou o que há de suceder nos últimos dias, para que o seu povo esteja preparado para enfrentar as tempestades de oposição e ira. Aqueles que foram advertidos dos acontecimentos que os aguardam não devem permanecer em tranquila expectativa da tempestade que se aproxima, consolando-se com a ideia de que o Senhor abrigará os seus fiéis no dia da angústia. Devemos ser como homens que aguardam o seu Senhor, não em expectativa ociosa, mas em trabalho diligente, com fé inabalável. Não é tempo, agora, de permitir que nossas mentes fiquem absorvidas com coisas de menor importância.

Enquanto os homens dormem, Satanás está ativamente arranjando as coisas para que o povo do Senhor não tenha misericórdia nem justiça. O movimento dominical está agora avançando nas trevas. Os líderes estão ocultando a verdadeira questão, e muitos dos que se unem ao movimento não veem, eles mesmos, para onde a corrente oculta se dirige. Suas declarações são brandas e aparentemente cristãs; mas, quando falar, revelará o espírito do dragão. É nosso dever fazer tudo ao nosso alcance para evitar o perigo iminente. Devemos apresentar ao povo a verdadeira questão em jogo, interpondo assim o protesto mais eficaz contra medidas que restrinjam a liberdade de consciência. Devemos examinar as Escrituras e ser capazes de dar a razão da nossa fé. Diz o profeta: 'Os ímpios procederão impiamente, e nenhum dos ímpios entenderá; mas os sábios entenderão'.

"Um futuro importante está diante de nós. Para enfrentar suas provas e tentações e cumprir seus deveres, serão necessárias grande fé, energia e perseverança. Mas podemos triunfar gloriosamente; pois nenhuma alma vigilante, orante e crente será enredada pelos ardis do inimigo. Todo o céu se interessa pelo nosso bem-estar e aguarda nosso apelo à sua sabedoria e força. Toda influência contrária, aberta ou secreta, pode ser resistida com êxito, 'não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.' Deus está tão disposto agora como antigamente a operar por meio de esforços humanos e a realizar grandes coisas por meio de fracos instrumentos. Não alcançaremos a vitória pelo número, mas pela entrega total da alma a Jesus."

"Agora, enquanto a misericórdia ainda perdura, enquanto Jesus faz intercessão por nós, façamos uma obra cabal para a eternidade." Southern Watchman, 25 de dezembro de 1906.